

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

Em defeza d'um livro e d'um autor, pelo P.^o Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo do Funchal; *O jubileu extraordinario, instrucções para o alcançar*; *Inspiração divina da Biblia* (continuação), por M. Filippe Coelho. SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem macaco*, pelo P.^o F. Sanches; *Conhecimentos uteis*, por Vasco Antonio do Macedo Araujo da Costa. — SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pombal, IV*, por Elias de Sampaio. — SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense. — SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do P.^o Linia (continuação). — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. — SECÇÃO PARA RIR, por S. F.

GUMARÃES 30 DE JUNHO DE 1881

EM DEFEZA DE UM LIVRO E DE UM AUTOR

O Rev.^o Snr. Padre Chrispim tem honrado as columnas d'esta Revista com os seus escriptos de critica, e sido até um dos seus mais assiduos collaboradores, obsequio que eu, na qualidade de humilde redactor da mesma Revista, sinceramente lhe agradeço.

O seu espirito applicado ama o estulo serio, e o seu zelo pela orthodoxia da doutrina tem desacuado habilmente os erros de alguns livros que por ahí circulam, dos quaes alguns são n-lopados nos lyceus nacionaes com não pequeno detrimento dos alumnos que os trazem pelas mãos. D'aquí lhe applaudo a faina de prestante e diligente operario no campo da Igreja. Cumpro porem, que com o joio se não arranque o trigo.

Como a camaradagem e a amizade são perfeitamente compativeis com uma discussão comedida no terreno elevado dos principios e é d'ella que muitas vezes jorra a luz que esclarece as questões, não estranhe o meu amigo Padre Chrispim que eu venha discordar, n'este momento, da critica que V. Rev.^a tem feito a um livro, traduzido, não ha muito, do francez pelo Rev.^o Padre A. Valente, e que tem por titulo «Breves e familiares Instrucções sobre o Symbolo».

Parece-me que esta obra foi atacada menos justamente pelo collega e por isso tomo de bom grado a penna para justificar-a no ponto em que V. Rev.^a por ora a tem atacado.

A fim de proceder com mais ordem, estabelecamos alguns principios e con-

siderações geraes, por forma de postulados.

Exige a recta hermeneutica que nas apreciações criticas que se fazem dos escriptos de um autor se attenda sempre ás ideias e sentimentos dominantes d'elle, assim como á feição caracteristica das suas doutrinas, porque a mesma phrase empregada por escriptores de ideias oppostas presta-se a interpretações diferentes, quando omphatica ou ambigua, como aqui a supponho. N'este caso, só pelo theor geral das doutrinas do escriptor se pode ajuizar convenientemente do sentido d'ella. D'isto temos nós cem exemplos por um nas obras de alguns padros da Igreja ácerca da predeterminação, da fé, da graça, da Eucharistia, etc. A tomarem-se á lettra, muitas expressões contidas nas alludidas obras se prestam facilmente a um sentido protestante.

Em segundo lugar, torna-se imprescindivel cotejar e acarear os antecedentes com os consequentes de um periodo, de uma phrase ou palavra, cuja significação ás vezes um tanto vaga, obscura, elastica ou mais oratoria que philosophica, pode dar margem a interpretações erroneas e involuntariamente injustas, se por acaso se desmembrar o dicto periodo ou phrase dos consequentes e antecedentes que a completam e explicam.

Em terceiro lugar, importa attender á natureza da obra que se analisa, porque não seria razoavel exigir o mesmo rigor technico de um livro composto para uso do povo e de outro redigido para uso dos lyceus e academias. A'quelle quadram bem as locuções energicas e figuradas, porque impressionam mais o seu espirito popular, este requer a perfeita exactidão doutrinal, expressa na linguagem arida da eschola.

Em quarto lugar, assim a caridade como a equidade, assim a fraternidade das ideias que se professam como o zelo da causa commum que se defende aconselham, reclamam que, tractando-se dos escriptores catholicos que, sahindo da inercia, das comodidades de um silencio ocioso e da indifferença estoica em que tantos habeis jazem por gosto, vem á imprensa e põem generosos o pé no terreno escabroso da publicidade para affirmar, sustentar e propagar as verdades que formam o deposito sagrado do nosso symbolo, a equidade, digo, e a boa caridade reclamam que tonhamos para com estes a indulgencia e benignidade critica compativeis com a exactidão da doutrina, deduzida do sentido genuino e geral do escripto ou obra em que a defendem. E', de facto, duro e durissimo que nós, soldados do mesmo estandarte, obreiros do mesmo edificio, correligionarios da mesma communhão catholica, membros da mesma classe, galardemos os trabalhos litterarios dos nossos, *lançando o anathema, sem solidos motivos*, sobre esses productos do seu zelo, denunciando-os, como erroneos, á publicidade dos leitores e frustrando assim o pensamento elogioso do autor, que vê ser transformado em veneno o que elle preparara, por vezes com tanto custo, para alimento solido dos espiritos. Não faltam impios a combater, voltemos de preferencia as armas contra elles. A esses não demos quartel, porque sabemos qual o espirito que os anima.

Ora agora desçamos da these á hypothese.

O meu bom amigo Padre Chrispim, analysando a obra intitulada «Breves e familiares Instrucções sobre o Symbolo», exprime-se do seguinte modo: «Este livro contem erros bastante gra-

ves...», e apresenta como primeiro o que lhe parece ter descoberto no periodo que se segue e que eu poço veria a V. Rev.ª para copiar por inteiro, que não truncado como V. Rev.ª o copiou: *Deus, diz a Escripura, tendo formado o homem do barro da terra, inspirou no seu rosto um sopro de vida e o homem ficou vivo e animado»* (Gen. 2-7). N'isto consiste propriamente a formação do homem; e eis como Deus concluiu a sua obra. Mas que é esse sopro divino de que Elle o animou? E' de sua propria substancia que o tira para lh'o communicar; divida, *por assim dizer*, com elle: sua alma e sua vida: por este sopro não só lhe dá o sentimento e a vida, senão tambem a razão, a liberdade e a alma que é o seu principio.»

Convem acrescentar a este periodo o que se lhe segue immediatamente. «E' assim que (Deus) o torna *uma imagem*, que lhe é *semelhante*, dando-lhe uma alma espirital como Elle, e mortal como Elle, capaz de o conhecer etc.» E algumas linhas mais abaixo lê-se o seguinte: «Foi elle que animou essa massa (o corpo humano), unindo-lhe uma alma, que *creou* para «ser a sua forma.»

A paginas 153 o autor dissera: «...as almas, bem que não devem nunca morrer, não são immortaes do mesmo modo que Vós o sois. *Vós só tendes a vida por essencia*: de Vós é que todas as creaturas a receberam.»

O sr. Padre Chrispim, lendo estas expressões do primeiro trecho do autor, por nós citadas: «Mas, que é esse sopro divino, de que Elle o animou? E' de sua propria substancia que o tira para lh'o communicar,» pára, fica estacado e grita ao hereje como eu poderia gritar ao la-irão que me roubasse a bolsa. Prescinde de todos os antecedentes e consequentes que amaciam a força da phrase alludida, desmembra-a de todas as expressões complementares que a explicam, que lhe dão uma accepção oratoria que não rigorosamente theologica, e prorompe n'este auto summario de condemnação, vasado em molde syllogistico: «Deve regeitar-se toda a interpretação dos textos biblicos que esteja em desharmonia com a doutrina da Igreja ou com o ensino unanime dos Santos Padres: ora a interpretação que no livro que estamos analysando se dá ao versiculo 7 do segundo capitulo do Genesis está em desharmonia com o ensino dos Santos Padres e doutrina da Igreja, logo deve regeitar-se.»

E' da menor do argumento do collega que eu discordo.

Racionemos ás boas, com toda a placidez d'espírito, sem nos deixarmos cegar pelo gosto de refutar nem allimentar pelo prurido de ter razão. Porque motivo não attendeu V. Rev.ª ás expressões empregadas pelo autor em ca-

pitulos anteriores e que reflectiam tanta luz sobre o malaventurado periodo que o escandalizou? Porque razão cortou sem alma nem piedade todos os membros da phrase com que o referido autor aclarava totalmente o sentido das suas palavras e que lhe salvavam a perfeita orthodoxia da doutrina? Porque quiz fazer d'elle um emanatista, quando os termos de que o abba Lambert se serve tornam descabida e até impossivel quejanda significação? Se elle entendesse que a alma humana era *propriamente* uma emanção da divindade, havia consequentemente de entender que era uma participação da natureza divina, que era da propria substancia de Deus, e n'esse caso contrahia-se pelo modo mais torpe, quando logo depois da phrase censurada acrescenta: «(o Creator) divide, *por assim dizer*, (o grifo é nosso) com o homem sua alma e sua vida. Que significa este—*por assim dizer*—se a alma humana é *em verdade* emanada de Deus?...

Continúa o abba Lambert, dizendo que o espirito humano é «uma imagem semelhante» no seu autor. Ora se fosse consubstancial com Elle (o sel-o-hia, se fosse realmente uma emanção divina), não era nem se poderia já chamar imagem de Deus, nem teria aponas com Elle uma relação de mera semelhança, mas de *identidade* de natureza, como Jesus Christo, em quanto Deus, a tem com seu eterno Pai; e foi por ter confundido estas duas relações distinctas ou ter fingido que as confundia, que Ario foi condemnado.

Além d'isto, o autor criticado affirmava algumas linhas abaixo, como vimos, que foi o Omnipotente «que animou a massa do corpo humano, unindo-lhe uma alma que *creou*» (tambem aquí o grifo é nosso). Ora se esta fosse em verdade uma emanção de Deus, não teria sido creada, pois que crear é tirar do nada, e Deus extrahindo o espirito humano do seu proprio espirito, não fazia mais que alienar uma porção, se assim posso exprimir-me, da sua substancia eterna, e portanto não o tirava do nada, não o creava. E' claro, pois, meu bom collega, que em contrasensos tão palmares não cahiria nem um primeiranista de theologia, quanto mais um doutor n'esta sciencia da Igreja, como o é o illustrado ecclesiastico por V. Rev.ª censurado.

Assim, as expressões da phrase analysada devem tomar-se em boa logica, em boa justiça e em boa caridade, no sentido oratorio, consoante por vezes e por muitas vezes as empregavam os Padres da Igreja sobre materias igualmente dogmaticas; em summa, como uma emphase de linguagem, não como uma formula rigorosa de fé. Significam que a alma humana é tão semelhante á

natureza divina, por isso que é intelligente, livre, e immortal como Deus, que ella é, por assim dizer, uma como emanção da divindade. Ninguem, todavia, de bom senso entenderá por estas expressões que ella é igual a Deus, consubstancial com Elle, emanada propriamente d'Elle.

Abra V. Rev.ª o Velho Testamento, leia esta expressão applicada aos reis, e aos sacerdotes, «*Ego dixi, dii estis*» e tome-a á lettra, se pode. Tome as epistolas de S. Pedro, e leia este conceito: «*divinae (sumus) consortes naturae* e entenda-o no seu sentido rigoroso. Consulte o tratado *De Sacerdotio* de S. João Chrysostomo, leia esta palavra—*sacerdos alter Christus* e interprete-a, se é capaz, na sua accepção litteral. Compulse a *Apologetica* de Tertuliano e leia esta phrase—*sanguine Christi saginati*, somos engorçados com o sangue de Christo; e tome-a á lettra. Não o fará por certo. E porque? Porque todas essas expressões, se fossem a ser entendidas litteralmente, implicariam outros tantos erros em materias de doutrina e destoariam das ideas, e das crenças dos seus autores, conhecidas pelos antecedentes e consequentes dos seus escriptos. Pois porque não applicará estes mesmos principios, aliás tão comeseinhos, de hermeneutica, ao caso pertinente? Para que subtilizar sobre o que é tão obvio? Para que desperder tanto cabedal de erudição para refutar o que o simples senso commun basta para justificar?

Mou caro collega, não percamos do vista o sensato aphorismo do padre Olivaint, aquelle santo e aquelle martyr contemporaneo da Companhia de Jesus: «Tenhamos o zelo, mas não o domiquotismo da exactidão theologica.» Demos caça aos guerrilhas do catholicismo, mas não armemos ciladas aos nossos.

Se nas «Breves e familiares instrucções sobre o Symbolo»—existem outros erros doutrinaes, não sei, porque ainda não li toda a obra por extenso. Parece que sim, todavia, porque V. Rev.ª declara que os ha e bastantes.» Velolhemos. Queira Deus, porem, que não sejam erros d'imprensa, porque pelo grande numero de erratas que traz a edição portugueza, vejo que a revisão foi mui pouco escrupulosa. E inclino-me, em todo o caso, a pensar que, se o meu amigo Padre Chrispim se orientar na sua apreciação pelos principios de equidade critica e de generosa lealdade que devem presidir á apreciação de um livro de uma indole tão orthodoxa como este, retirará o «*Symbolo*» do seu Index e não tolherá com *iguales atyques* a circulação de uma obra que se estreia com este bellissimo acto de filial submissão á Igreja: «E' no seu gremio que tivemos a ventura de nascer e que que-

remos morrer. E' para ella que queremos trabalhar e viver. *Como não reconhecemos outra crença verdadeira senão a sua, não devemos ter outro intuito senão o de promover a sua gloria e o seu bem.*

Caza do Outeiro.

PADRE SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.
BISPO DO FUNCHAL

(Continuado do n.º antecedente)

Eis-aqui está a lei da Igreja, que demais em nosso paiz é tambem lei do Estado, pois não só professamos a religião catholica, mas além d'isso o Concilio Tridentino foi solemnemente promulgado em Portugal, foi unanimemente accedido e as suas prescripções incluídas na collecção de nossas leis e na propria constituição vigente da monarchia se declara expressamente que *a religião catholica apostolica romana continúa sendo a religião do Estado.*

Logo não pôde haver um subdito portuguez que ouse transgredir as leis ecclesiasticas sem por isso mesmo renegar as crenças em que nasceu e foi educado, sem risco de incorrer nas penas da Igreja e do Estado.

Assim o sentiam e confessaram os nossos legisladores quando, no Codigo Civil, estabeleceram o seguinte:

«Os catholicos celebrarão o casamento pela forma estabelecida na Igreja catholica. *Os que não professarem a religião catholica* celebrarão o casamento perante o official do registo civil com as condições e pela forma estabelecida na lei civil (art. 1057.º).» Por conseguinte os eleitos do povo, os proceres da nação e os redactores do Codigo todos reconheceram que deviam ser acatadas as leis da Igreja e respeitada a religião do povo portuguez.

Appareceu mais tarde o regulamento do *casamento civil*, mas com a bem frizante restricção de ser tão sómente applicavel *aos não catholicos.*

Quem ha-de pois ousar contrahir *casamento civil* entre nós, actualmentey só os selvagens de nossas colonias, que ainda não entraram pelo christianismo no convivio da civilização, ou então os sectarios d'alguma seita heretica que tenham estabelecido seu domicilio entre nós.

Dos naturaes, dos christãos, dos civilizados, filhos do reino fidelissimo, nem um só irá á repartição publica

para casar-se. E os que forem apresentados no official do registo civil não são, não podem ser catholicos.

Não é licito ao magistrado interrogar os contractantes sobre a religião que professam, como tambem está expresso no artigo 1081.º do Codigo, porém os que se atrevem a comparecer alli fazem uma apostasia soleinne de facto, ainda que a não façam de palavra.

A apostasia é punida com as censuras da Igreja, e consequentemente aquelles subditos portuguezes, que tiverem sido baptisados, se attentarem unir-se em matrimonio na presença da autoridade civil ficam por isso mesmo privados dos bens da Igreja; a saber, das preces e actos de culto publico, recepção de sacramentos e até de sepultura ecclesiastica.

E em verdade o *casamento civil* não é mais do que um torpe concubinato, ou, como lhe chamam os authores, um concubinato legal, n'aquelles paizes em que, tendo sido promulgado o concilio Tridentino, elle foi declarado obrigatorio independentemente do matrimonio ecclesiastico.

E' por conseguinte um escandalo publico, uma offensa grave á moralidade e ao pudor, uma união illegitima, cujos fructos são tambem illegitimos; em uma palavra, um cancro horrivel da sociedade.

Nem se diga que uma coisa é o contracto e outra o sacramento, porque tal distincção é irracional, contraria ao sentimento de toda a antiguidade christã e formalmente condemnada pelos dois ultimos Pontifices, Pio IX e Leão XIII.

«E' um dogma de fé, dizia o primeiro, que o matrimonio foi elevado por Christo, Senhor Nosso, á dignidade de sacramento; e é um ponto da doutrina catholica que o sacramento não é uma qualidade accidental accrescentada ao contracto, mas que é a essencia mesma do casamento; *de tal sorte que a união conjugal entre os christãos não é legitima sendo no matrimonio sacramento, fóra do qual só ha concubinato.*

(Continúa).

O JUBILEU EXTRAORDINARIO

INSTRUCÇÕES PARA O ALCANÇAR

Dêmos já n'este logar copia das Letras Apostolicas pelas quaes o SS. Padre Leão XIII concedeu aos fieis as graças d'um novo jubileu, e hoje damos as instrucções necessarias para se poder alcançar o mesmo jubileu, instrucções publicadas pelo ex.ª e rev.ª sr. Governador do Bis-pado do Porto, com uma carta Pastoral

de 30 de maio ultimo, que por falta de espaço não podemos transcrever se não na parte que diz respeito ás instrucções.

«Usando, agora, das faculdades concedidas pelo SS. Padre Leão XIII nas Suas citadas Letras Apostolicas, e conformando-me com Suas intenções, declaro aberto n'esta Diocese o tempo do jubileu extraordinario, que começará no dia em que esta minha Provisão fôr lida em cada freguezia á Estação da Missa conventual, e terminará no 1.º de novembro do corrente anno. Durante este tempo alcançarão Indulgencia plenaria todos os Fieis, que, com a intenção de a obterem, cumprirem as cinco obras satisfactorias determinadas por S. Santidade pela forma seguinte:

Art. 1.º—As visitas ordenadas nas Letras Apostolicas devem ser feitas a tres Igrejas previamente designadas, havendo-as; e não as havendo, poderão ser feitas a duas e até a uma só Igreja.

§ unico—No caso de serem tres as Igrejas designadas, serão as visitas feitas por duas vezes e em dous dias successivos ou interpolados; serão, porém, feitas tres vezes e em tres dias quando as Igrejas designadas forem duas, e seis vezes e em seis dias quando fôr uma só a Igreja a visitar.

Art. 2.º—N'esta cidade, attenta a sua extensão, designo para as visitas, na parte oriental, as Igrejas da Sé e do Mosteiro de Santa Clara, e a Capella das Meninas desamparadas; e na parte occidental as Igrejas da Irmandade dos Clerigos, de S. José das Taipas e de Nossa Senhora do Carmo.

Art. 3.º—Em quanto ás outras freguezias da diocese, os respectivos Muito Reverendos Vigarios da Vara designarão as Igrejas parochiaes que possam constituir um grupo de tres para serem visitadas pelos seus parochianos, se n'isto não houver para elles inconveniente. Havendo-o, porém, podem designar quer a Igreja parochial sómente, quer esta com uma ou duas Capellas publicas dentro da freguezia.

§ unico—Nas freguezias de Paranhos, Campanhã e Villa Nova de Gaya, auctorisso os Reverendos Parochos a procederem em conformidade com o disposto n'este artigo.

Art. 4.º—Reduzo estas visitas a uma só quando feita pelo Rev.ª Cabido, Collegiadas, Irmandades, Confrarias, Collegios, e Reverendo Parocho, ou um Presbytero seu delegado, com os seus parochianos; e da mesma reduccção poderão aproveitar-se todos os fieis que se aggregarem á procissão, embora não pertençam á corporação que a faz.

§ unico—No caso previsto no artigo antecedente de serem só duas as Igrejas visitadas, esta procissão será feita duas vezes no mesmo dia; e sendo uma

só Egreja, será a mesma procissão feita tres vezes em volta do adro, entrando na Egreja no fim do giro, e tornando a sahir.

Art. 5.º—Ficam dispensadas d'esta visita as religiosas e mais pessoas que vivem em clausura, bem como as encarceradas; e podel-o-lhão ser pelos respectivos Confessores as que por impossibilidade physica ou moral estiverem impedidas, com tanto que assim ás pessoas clausuradas, como impossibilitadas, seus Confessores lhes commutem as visitas em alguma obra de piedade, ou lhas addiem para um tempo mais proximo, podendo ser.

Art. 6.º—A escolha das orações n'estas visitas fica ao arbitrio e devoção dos fleis uma vez que sejam feitas segundo a intenção do Santo Padre, pela prosperidade e exaltação da Egreja Catholica e da Santa Sé, pela extirpação das heresias e conversão dos que estão em erro, pela concordia dos Principes Christãos e pela paz e concordia de todo o povo fiel; mas, para cortar quaesquer duvidas, declaro que satisfará cabalmente a esta obrigação quem resar cinco Padre-Nossos e cinco Ave-Marias.

Art. 7.º—Fica ao arbitrio de cada um escolher o dia de jejum, uma vez que com elle não coincida outro jejum prescripto pela Egreja. Esta obrigação é imposta a todos os adultos sem distincção, mas pôde ser commutada pelos Confessores em outra obra de piedade ou de religião, aos que estiverem legitimamente impedidos.

Art. 8.º—A esmola, quer em especie quer em dinheiro, será quanto ao valor e applicação regulada pelos Fleis segundo os meios e devoção de cada um; e sómente recorde que o Santo Padre, sem ordenar, todavia especialmente recommenda como muito effcaz e util a que fôr dada a qualquer das tres obras ou Institutos, da Santa Infancia, Propagação da Fé e Escolas Orientaes.

Art. 9.º—O dia da Confissão e Communhão é deixado á escolha de cada um, com quanto seja mais perfeição; que, no caso de serem as visitas ás Egrejas feitas em mais d'um dia, se receba o Sacramento da Penitencia no primeiro e o da Eucharistia no ultimo; advertindo que esta Confissão e Communhão devem ser distinctas das da desobriga, embora anteriores a esta.

§ unico—Os meninos que ainda não tenham feito a primeira communhão estão d'ella dispensados, e os seus Confessores a commutarão em alguma obra de piedade ou religião ao seu alcance.

Art. 10.º—Terminado o tempo de jubileu, ainda o poderão alcançar os navegantes e viajantes, se chegados ao seu domicilio cumprirem as obras pres-

criptas e visitarem a respectiva Egreja parochial por seis vezes.

Art. 11.º—Aos Reverendos Parochos e Confessores por S. Em.ª approvados, com Provisão ou licença por escripto, e domiciliados n'esta Diocese ou nas limtrophes de Braga, Lamego e Aveiro, dou jurisdicção:

1.º para confessar quaesquer pessoas d'ambos os sexos, e mesmo religiosas que os escolham;

2.º para as absolver de quaesquer casos reservados e censuras, e aos ecclesiasticos, da irregularidade occulta proveniente da violação de censura;

3.º para lhes commutar quaesquer votos em outras obras pias e salutaras.

§ unico—Nestas amplas facultades supra não se comprehende, antes é expressamente exceptuada:

1.º a dispensa d'outra qualquer irregularidade, quer publica quer occulta, além de supra mencionada;

2.º a dispensa da obrigação da restituição a quem fôr devida;

3.º a absolvição dos casos reservados pela Bulla do Santo Padre Bento XVI.—*Sacramentum Penitentiar.*

4.º a absolvição das censuras impostas no fóro exterior, salvo o caso dos penitentes não poderem cumprir o que devem dentro do praso do jubileu, mas prometterem cumpril-o depois; porque então poderão ser absolvidos, mas só no fóro interno e para o fim d'esta indulgencia plenaria;

5.º a commutação dos votos de castidade, religião e obrigação accete por terceiro.

Art. 12.º—Declara Sua Santidade que esta indulgencia Plenaria pôde ser applicada em suffragio pelas almas do Purgatorio, mas que só para o fim de alcançar é que os Confessores poderão uma só vez fazer uso d'estas facultades extraordinarias, e durante o tempo de jubileu.

Art. 13.º—Quaesquer duvidas que se offereçam acerca do modo de cumprir as obras prescriptas pelo Santo Padre e que não possam ser resolvidas pelo Reverendos Parochos as resolverão em face das proprias Letras Apostolicas, um exemplar do theor dos quaes lhes será enviado juntamente com esta.

E para que esta minha Provisão chegue ao conhecimento de todos será publicada na fórma do estylo, sendo lida pelos Reverendos Parochos á Estação da Missa Conventual no Domingo seguinte á sua recepção.

Dada no Porto sob minha assignatura aos 30 de maio de 1881.

Torquato Pereira Soares da Motta,
Governador do Bispado.

INSPIRAÇÃO DIVINA DA BIBLIA

(Continuado do n.º anterior)

Esta verdade é egualmente attestada na Egreja por uma tradição constante. Se o juriseconsulto cita as leis do Digesto e Montesquien, se o Medico adduz os aphorismos de Hyppocrates, se o naturalista invoca a auctoridade de Plinio, Buffon e Arago, e o mathematico appella para a de Neuton e La Place, bem é que nós citemos aquelles que havendo consagrado seus estudos ás doutrinas catholicas tanto se recommendam pela sua ancianidade, pelas suas virtudes e por sua sciencia. Assim pois S. Clemente Romano na sua Epist. 1.ª ad Cor. n.º 45 diz—Ora para que vos inflammaes em questões, que nada respeitam á salvação? occupae-vos antes no diligente exame da Escriptura, verdadeiros oraculos do Espirito Santo, onde não existe cousa alguma injusta, fabulosa ou disfarçada—A mesma ideia exprimem S. Ignacio, Theophilo d'Antiochia, S. Athanasio, S. Jeronymo, S. Agostinho e outros muitos. A esta aurea e enorme cadeia da tradição ligam-se ainda os concilios ecumenicos de Trento e do Vaticano, que com sua infallivel auctoridade promulgaram a definição dogmatica da inspiração divina dos livros do antigo e novo Testamento. O primeiro declarou na sua Sess. 4.ª—*Que Deus é o Auctor d'um e d'outro Testamento*—E que não foi temerario este veredictum se comprova tambem pelo exemplo da Egreja Grega scismatica, a qual sendo convidada no seculo 17 pelos Protestantes a adherir a doutrinas aliás crroneas, negou-se formalmente e n'um concilio, celebrado em Jerusalem sob a presidencia do seu Patriarcha Dosithen em 1672, reconheceu por canonica a mesma Escriptura, que a Egreja catholica havia definido como tal. O concilio do Vaticano formulou ainda mais explicita e directamente este dogma. Accresce que um avultado numero de christãos dos primeiros seculos quizeram antes soffrer a dura morte do que entregar sacrilógamente á raiva dos pagãos os seus livros santos. A morte inspira naturalmente horror, porém mais horror incutia n'esses gloriosos martyres a profanação das suas Escripturas sagradas. E se algum tinha a franqueza e desdita de os entregar, para logo imprimia em sua fronte o ignominioso estigma de traidor ou libellatico. Por fim a religião omnimodamente verdadeira e santa, contida nos livros do velho e novo Testamento concorre a provar que foram divinamente inspirados. E não importa que S. Paulo se confesse incorrecto na

lingua grega ⁽¹⁾, bastava sómente que elle fosse irreprehensivel na doutrina, sabio nas ideias. A Igreja não definiu se as palavras e phrases da Biblia foram ou não divinamente inspiradas. Para ser breve não me detenho a analysar esta opinião. O que pretendo apenas é que S. João Chrisostomo, o Demosthenes catholico, não se ria apenas como se viu outr'ora d'um christão por sustentar contra um pagão que S. Paulo não havia commettido defeitos de linguagem e de grammatica. O que é certo é que entre a palavra e a ideia não subsiste uma relação absoluta e necessaria de modo que dada a primeira se dê forçosamente a segunda e vice-versa. A este respeito diz Balmes ⁽²⁾—a palavra interior é antes uma reflexão que estende e desdobra a ideia do que a expressão da mesma ideia. E' verdade que em geral esta palavra interior acompanha o pensamento, mas note-se que a palavra é um signal arbitrario; e por esta razão não pôde estabelecer-se um paralellismo exacto entre as ideias e a linguagem interior. Por mais rapida que seja a palavra, mais o é ainda o pensamento. O verbo interior é mais prompto que o verbo exterior; todavia envolve successão nas palavras e por tanto uma duração. E o pensamento? esse produz-se instantaneamente. A linguagem é por sem duvida um maravilhoso meio de communicacão, posto ao serviço das ideias, um poderoso auxiliar da intelligencia; mas estabelecer que todo o pensamento é impossivel sem uma palavra pensada, que lhe corresponda, é, eu ouso affirmar-o, uma verdadeira exaggeração—Além de que nós não podemos avaliar inteiramente pelos nossos os phenomenos psychicos dos Escriptores agiographos, cujas condições eram muito excepcionaes. Não quero terminar esta exposiçãõ sem observar que os Chins, Indios, Persas e Mahometanos possuem certos livros que reconhecem egualmente como divinamente inspirados. Uma simples amostra bastará para se decidir se elles são obra de Deus, se do homem. Tanto os Kings dos chins como os Vedas e alguns Pouranas dos Indios contem a religiãõ ou de Brahma ou de Bouddha, sendo esta ultima a mais profanada. Mas emquanto o Novo Testamento nos dá uma ideia racional de Deus, a quem chama—espirito adoravel—⁽³⁾,—e uno—os livros sagrados da China e da India dogmatizam a existencia de muitos deuses, emanados de Brahm, uns creadores e conservadores, outros destruidores do mundo, reis uns, ministros outros, ca-

sados ou solteiros, e prescrevem conjuntamente o culto de Fô ou idolo do Dr. Bouddha. Similhante emanação é absurda porque Deus não consta de partes: nenhum dos dois termos emanador e emanado pôde ser Deus. Por outro lado muitos deuses de naturezas diversas formam o polytheismo. Elles ensinam ainda a distincção natural dos homens em quatro classes, no entretanto que os livros da Nova Lei proclamam a egualdade da natureza humana por meio das suas verdades, dos seus mandamentos, das suas promessas, dos seus premios e dos seus castigos. Foi S. Paulo de Christo que pediu ao Pui-lemon do Brazil, como já havia rogado ao de Wasington e muito tempo antes ao da Roma pagã que quebrasse as algemas do escravo Onesimo e que o acolhesse não já como um escravo mas como um filho das suas entranhas, como um carissimo irmão seu na carne e tambem na fé ⁽⁴⁾. Propõem mais aquelles livros a crença na metempsychosis, dizendo que as almas dos mortos transmigram para as flores, para aservas e animaes até que d'este modo purificadas entram a final no *Varga* ou paraizo. Olhem os leitores como segundo esta theoria nos pôde caber a sorte de habitar alguma camelia dos nossos jardins, ou alguma planta dos nossos quintaes ou alguma centopêa de velhorro pardieiro!... A historia da philosophia ainda hoje está virgem com respeito a factos ou exemplos de transmigração: constitue uma affirmacão gratuita sem algum fundamento na razão, na consciencia e nos sentidos. Porém querem os leitores vêr em maior luz a alma dos Kings e dos Vedas? Um inglez de nome Buchanan referiu que, achando-se na India em 1806, assistira em Junho á festa e procissão do carro Tirunnal, onde vae sobre uma torre de 60 pés d'altura o idolo de Jagrenat, feito de pau e puxado por milhares de devotos. Muitos d'estes lançavam-se debaixo das rodas, ficando completamente esmagados, e outros em honra do mesmo deus se dependuravam em ganchos, que lhes rasgavam as carnes, praticando todos estes horrores, que consideravam muito agradaveis ao deus, com um sangue frio imperturbavel. Pôde-se interrogar ainda sobre este assumpto a sympathica e memoravel obra da Santa Infancia. Os livros religio-ros dos Chins e dos Indios são pois filhos da inspiração divina ou dos desvarios da razão humana?

Pelo que respeita ao Zend-Avesta dos Persas notaremos que essa palavra divina e viva (segundo elles) ensina um porfioso antagonismo entre dois deuses Ormuzd, deus da luz e do bem, e

Arihman, deus das trevas e do mal. A fim de se realizar dentro d'um certo prazo o triumpho do deus bom ha outros dois deuses, Mithrá e Sosiosch. Além do culto a estas duas divindades recommenda tambem Zoroastro a adoração dos astros e especialmente do sol.

Resta-nos o Alcorão dos Mahometanos, que, muito amante dos prazeres sensuaes, faz consistir n'elles a suprema perfeição e felicidade do homem. Como pôde então ser divinamente inspirado um livro que encerra uma doutrina tão material e tão grosseira? Mais severa e digna é a do Novo Testamento, que afirma que no ceu os bemaventurados serão puros como anjos. ⁽¹⁾

M. FILIPPE COELHO.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Não ha duvida. Entre as faculdades do animal, cuja synthese é o instincto, e a intelligencia do homem existe um abysmo incommensuravel.

Os brutos nunca transpozeram as raias do util; as noções do bello e do perfeito jamais as vislumbraram. O vastissimo campo da razão pura é-lhes absolutamente interdicto. Não conhecem outra esphera de acção que a dos sentidos.

Não é sem motivo que nos admiramos da industria com que a toutinegra, o castor e a abelha constroem as suas habitações; mas n'isto apenas vemos a satisfacão de suas necessidades, tendo por unico motor a realisacão de seus instinctos. E se não, porque é que o gorilla, muito mais bem organizado anatomica e physiologicamente, os não excede em maravilhas de construcção?

Por outro lado, a invariabilidade no modelo de suas fabricas mostra bem claramente que as regiões do ideal lhes são completamente desconhecidas.

O facto d'algumas aves contemplarem com satisfacão as variegadas cores de sua brilhante plumagem deante das fêmeas da sua especie e redobram os cantos para as embellezar, isto prova simplesmente o instincto sexual, movendo-se na unica esphera que lhe é propria, o mundo dos sentidos.

Enquanto que o homem procura o absoluto, o perfeito nos seus amores e nas suas obras, e um sentimento de dor o dilacera quando não pôde vêr a realidade das miragens que o fascinam, o animal nada deseja, nada aspira além

⁽¹⁾ I ad Cor. 11-6.

⁽²⁾ Philos. Fundam. t. 2.º c. 28.

⁽³⁾ João 4-24.

⁽⁴⁾ Ad. Phil. † 12 e 16.

⁽¹⁾ Math. 22-30.

das suas commodidades. A satisfação de seus appetites é o seu unico alvo; n'elle descansa como no seu unico fim.

Só ao homem foi concedido comprehender os passos andados por seus antepassados, podendo assim marchar mais firme no caminho encetado e rasgar novos horisontes de luz.

Cada conhecimento adquirido, cada progresso realisado é o ponto de partida de novos conhecimentos e de novos progressos.

O animal apparece e desaparece como a herva dos campos. O ser que nasce segue invariavelmente, fatalmente o caminho percorrido por seus pais. A intelligencia humana ou a faculdade de pensar, isto é, de perceber, de affirmar, de abstrahir, de raciocinar é essencialmente progressiva; o animal é essencialmente estacionario.

Como vêr, pois, o mais simples rudimento da intelligencia humana na alma dos animaes?

Descartes foi sem duvida injusto para com os irracionaes, classificando-os de simples machinas sem alma.

Hoje porém devem saltar de contentes, enviando agradecidos encomios a uns redemptores de nova especie, que por todos os modos têm emprehendido generosamente a sua rehabilitação (sua e d'elles). Mas dêmos mais um passo.

«Os phenomenos intellectuaes, diz Quatrefages, apesar do que adquirem em nós de excepcional e de elevado, tomados a titulo de caracteres, não isolam o homem dos animaes. (1)

Não succede outro tanto com os phenomenos moraes e religiosos. Estes são essencialmente proprios do reino humano; são os attributos da nossa especie...

Evitando cuidadosamente o terreno da philosophia (2) e da theologia, e conservando-me rigorosamente no campo dos factos, posso affirmar com segurança que não existe sociedade ou simples associação humana, na qual as noções de bem e de mal se não traduzam por certos actos considerados pelos membros d'esta sociedade ou associação como moralmente bons ou máos. Até entre ladrões e piratas é tido o

(1) Sinto discordar n'este ponto do exímio naturalista; pois que, como resumidamente demonstrei, a intelligencia humana compõe-se de certas faculdades absolutamente desconhecidas nos animaes.

Dado porém que assim fosse, isto em nada infirmaria a minha these; porque bastava um só dos dois caracteres, considerados por Quatrefages como essenciaes e privativos do reino humano, para não poder admittir-se transição possível entre os animaes e o homem.

(2) E' talvez por ter ovitado do mais os ensinamentos da philosophia que o sabio anthropologista não chegou ás mesmas conclusões com relação aos caracteres intellectuaes.

roubo como acção má, ás vezes como um crime, e severamente punido; a delação é taxada de infamia. Os factos notados por Wallace entre os Kurubares e os Santais mostram como os sentimentos do bem e da verdade moral são anteriores á experiencia e independentes das questões de utilidade.»

A moralidade, que suppõe a liberdade, é incontestavelmente um dos attributos que melhor caracterizam o reino humano.

Só o homem é livre na escolha dos meios que o determinam a obrar.

On reprime as suas paixões e tendências desordenadas ou se deixa arrastar por ellas; ou se aperfeiçoa ou se degrada conscientemente.

Os animaes desconhecem absolutamente esta liberdade moral, que é um attributo da vontade humana.

E se não, consultemos o bom senso da humanidade. Quem até hoje se lembrou de fazer responsaveis os animaes pelos actos que praticam?

Ninguem que tenha o *miolo inteiro*; porque se fossem agentes responsaveis, capazes de moralidade, deixariam de ser animaes para serem verdadeiros homens; porque então deveriamos conceder-lhes todas as prerogativas que confero a personalidade, não só as virtudes e os vicios, mas ainda os direitos e os deveres da natureza humana.

E a observação que nos diz?

Que ainda ninguem viu os animaes, arrependidos e contrictos, penitenciarem-se pelo sangue que derramaram ou a harpia do remorso perturbando os seus sonhos bem dormidos.

Mas concedamos, como quer a escola transformista, o sentimento moral aos animaes.

Ora sendo um dever respeitar e venerar aos nossos ascendentes, por mais remotos que sejam, porque é que certos *sabios*, se são concludentes, em vez de andarem em carros tirados por alimárias as não substituem?!

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

CONHECIMENTOS UTEIS

Ao tomarmos a penna para encetarmos este pequeno trabalho, o nosso fim unico foi apresentar umas noções sobre invenções e descobertas mais usuaes.

Sabemos que na nossa lingua não ha um trabalho n'este genero como o nosso; pois que é muito resumido e acessivel a todas as classes.

Luiz Figuiet escreveu sobre Invenções e Descobertas; porém a sua obra é dispendiosa por ser volumosa; edição

de luxo com gravuras, o que não succede com a nossa.

Tambem existe em portuguez um dictionario de Invenções e Descobertas, porém essa obra d'um grande merito é ainda mais volumosa e dispendiosa do que a de Luiz Figuiet.

Nós não queremos de maneira nenhuma comparar este nosso trabalho insignificante com os d'esses dous sabios, pois que o nosso tem apenas por fim o dar noções breves para serem lidas por pessoas de todas as classes, principalmente para as que não são versadas n'esta materia.

Não terminamos sem dizer que n'este genero de trabalho soccorremos-nos, como não podiamos deixar de o fazer, aos auctores que trataram d'estas materias, pois que n'este trabalho não se pode inventar.

Os auctores a quem mais amplamente consultamos e muitas vezes transcrevemos textualmente foram: 1.º Noel (Dictionnaire des Inventions) um vol. in 4.º grande. 2.º Jamin (Cours de Physique de l'Ecole Polytechnique) foram estes dous auctores os que mais amplas informações nos forneceram.

Terminando, diremos que este nosso trabalho não o julgamos isento d'erros; feito á pressa nos intervallos que nos deixaram as nossas occupações litterarias deve talvez ter imperfeições e defeitos que os eruditos desculparão.

I

Aerostatos

A prioridade da invenção dos aerostatos pertence ao Jesuita portuguez Bartholomeu de Gusmão, irmão do ministro Alexandre de Gusmão.

Este sabio jesuita depois de penosos estudos sobre sciencias physicas fez a sua primeira experiencia com a machina de sua invenção na presença de D. João V em 1703. Ignora-se quasi totalmente a descripção do aerostato do P.º Gusmão, sabe-se só que pediu privilegio de invenção; privilegio que lhe foi concedido e alem d'isso uma cadeira na universidade com 600,000, somma enorme para aquelle tempo.

Em França a primeira experiencia foi realisada em Ammonay em 1783; o balão livre percorria 1:000 metros em 17 minutos; esta experiencia foi realisada por Carlos Montgolfier.

Montgolfier fez uma outra experiencia em 1785 n'um novo balão que encheu de hydrogenio (gaz quatorze vezes mais leve que o ar); antes d'esta epocha eram elles enchidos por ar quente.

Depois de Montgolfier muitos physi-

cos eminentes fizeram ascensões acros-
taticas e entre ellas as mais notaveis
foram as de Guy Lussac e Biol; é a
estes sabios que se devem indicações
preciosas relativas ao estado da atmos-
phera.

Depois de Guy Lussac eminentes
physicos se elevaram em viagens aros-
taticas, enriquecendo a sciencia com
indicações numerosas sobre astronomia,
meteorologia e electricidade.

Descripção d'um aerostato.

Compõe-se d'um balão de tafetá en-
vernizado; na extremidade superior do
dito balão existe uma valvula á qual
se liga uma mola, de que se serve o
aeronauta para expellir o hydrogenio
quando quer descer; para subir exist-
tem tambem na barquinha alguns sac-
cos de areia de que o aeronauta pre-
viamente se mune e os quaes despeja;
esta barquinha que ordinariamente é de
vime está ligada por cordas ao balão.

Para o caso de haver qualquer desas-
tre existe tambem um instrumento cha-
mado «para-quedas» compõe-se d'uma
especie de guarda sol aberto e a que
se suspende o aeronauta: como ao passo
que desce o ar que enche a parte su-
perior a faz subir um pouco, d'esta for-
ma a descida torna-se menos perigosa
e mais facil.

O balão enche-se de hydrogenio mas
deve-se evitar o encher-o completamente
pois que á medida que se sobe na at-
mosphera a pressão exterior diminue, e
portanto pode haver perigo de ruptura.

Até ao dia d'hoje é um problema dar
aos balões uma direcção horisontal;
samente se pode conseguir isto aprovei-
tando uma corrente de vento; porém
actualmente tracta-se de apparatus
proprios para se elevarem aos ares e
cujo peso é maior que o do ar; estas
experiencias ainda são preliminares mas
podem em breve modificar muito o
aeronautico.

(Continúa).

Vasco Antonio de Macedo Araujo da
Costa.

Secção Historica

O monumento ao marquez de Pombal

IV

Custa-nos já a leitura de tanta barba-
ridade, e mais nos custaria obrigar
nossos leitores a uma leitura que horro-
risa, que lhe fará nascer na alma o odio
que se deve ter aos despotas, aos ini-
migos de Deus e da humanidade, senão
fossemos impellidos pelo dever que a
nossa consciencia nos impõe de mostrar
as presentes e futuras gerações o mar-

quez de Pombal tal qual foi, desmascara-
ndo ao mesmo tempo os hypocritas,
os liberaes do avental, que tem o cy-
nismo de, em nome da liberdade, dei-
ficar o despotismo, horriavelmente per-
sonificado no marquez de Pombal.

Não continuariamos a transcripção de
scenas tão barbaras se não fosse nossa
intenção livrar os leitores do *Progresso*
Catholico de perpetrarem o crime, o
horroroso crime de accenderem lumi-
narias, nos dias da festa maçonica, em
honra do homem que o sur. Pinheiro
Chagas, membro da commissão dos fes-
tejos, nos apresenta como uma fera,
trazida dos sertões africanos para os
paços dos nossos reis, e ahi transforma-
do materialmente em homem.

O sur. Theophilo Braga, da mesma
maneira que nos dá o homem sahido do
macaco, pôde explicar-nos certamente,
como d'um tigre se possa fazer um cor-
teção.

Mas demos a palavra ao sur. Pinheiro
Chagas e de suas palavras formaremos a

**Quarta pedra para o monu-
mento que o 'Progresso Ca-
tholico' ergue ao 'grande-
marquez de Pombal':**

Era meio-dia; havia perto de seis ho-
ras que durava esse tristissimo especta-
culo. Houve então um intervallo: os es-
pectadores, que tinham assistido pavidos,
mas pungidos por uma avida e re-
pugnante curiosidade, aos primeiros
actos d'essa tragedia horrorosa, pode-
ram um momento deixar em repouso o
espírito, que iam ver coisa ainda mais
atroz. O intervallo não era concedido
aos espectadores com esse intuito, por-
que os ordenadores d'essa barbara re-
presentação não suppunham que hou-
vesse quem se sentisse fatigado de tão
deleitosa vista; o motivo do intervallo
era apenas a necessidade da mudança
de scenario. Os carpiuteiros subiram ao
cadafalso, serraram a parte que deitava
para o mar, e na outra parte pozeram
duas aspas differentes d'aquellas em que
tinham sido suppliciados o marquez
Luiz Bernardo, o conde d'Athouguia e
José Maria de Tavora. Consistia a diffe-
rença em não terem a trave intermedia,
que mitigava um pouco, supportando o
corpo, a angustia do tormento. Suppri-
mido assim este ultimo allivio, tornou a
cadeirinha a desempenhar o seu luga-
re mister. Apareceu então o marquez
de Tavora Francisco d'Assis, todo ves-
tido de lemiste preto. O velho general,
que muito se distinguira na India du-
rante o seu vice-reinado, passou pela
ultima vez diante das tropas que lhe
haviã obedecido, e que lhe prestaram
com o toque das caixas destemperadas
como que uma ultima e funebre home-
nagem. Avançou então para o cadafalso,
rapido e sereno. ajoelhou diante da
aspa, beijou-a com resignação christã e

preparou-se para morrer. Faltava porém
ainda o supplicio moral, que sua esposa
soffrera, e que lhe não foi poupado a
elle. O algoz repetiu circunstanciada-
mente a descripção dos instrumentos
de supplicio, e contou-lhe o que tinham
padecido e o que haviã de padecer os
seus parentes, amigos e creados. Fez
mais ainda, mostrou-lhe os corpos dila-
cerados e desfigurados de sua esposa e
de seus filhos, e só então é que o es-
tendeu na aspa. Elle, o triste velho,
ouvira com varonil constancia, e talvez
com um sorriso d'amargo desdem nos
labios, essa horrenda descripção. Só,
quando lhe mostraram os cadaveres dos
entes queridos que o tinham precedido
na morte, uma convulsão nervosa lhe
contrahiria os musculos da face, e uma
lagrima rolaria pelas suas faces pallidas!
Essa lagrima, se elle tivesse commettido
o crime de que o accusavam, pesaria
de certo mais na balança divina do que
o seu attentado; mas, estando, como
d'isso nos convencemos, innocente como
devia despertar a justiça do Todo-Pode-
roso!

Atado o marquez na aspa, o algoz er-
gueu a maça de ferro, que tinha o peso
de dezoito arrateis, e vibrou-lhe uma
pancada no peito, os ajudantes do car-
rasco foram-lhe entretanto quebrando as
canas dos braços e das pernas. Em pou-
cos minutos, expirou, mas os ais, que
elle exhalava, e que cortavam o cora-
ção dos que o ouviam, bem mostravam
que angustia indescriptivel e imagi-
nável concentrara n'esses breves minu-
tos um seculo d'angustias.

Ao marquez de Tavora seguiu-se o
duque d'Aveiro, o insensato criminoso,
cuja loucura arrastara ao supplicio tan-
tas victimas innocentes. De todos os
martyres, era este o que tinha menos
sympathias entre o povo, mas de novo
lhes conciliou a atrocidade do suppli-
cio. Não fôra elle condemnado a penas
mais rigorosas do que o marquez de
Tavora, mas o algoz, já fatigado de tan-
tas execuções, vibrou com menos vigor
o golpe, de forma que, em vez de o
descarregar no peito paralyndo logo
com essa primeira pancada o sentimento
vital, descarregou-a no ventre, onde
era menos perigoso, de forma que, pro-
duzindo-lhe insupportaveis torturas, dei-
xara-o com sentimento bastante para pa-
decer immenso com os outros golpes,
que lhe iam quebrando as canas dos
braços e das pernas; mas nenhuma d'es-
sas feridas era mortal, de modo que foi
necessario repetir-lhe o golpe no peito,
e vibrar-lhe uma nova pancada na ca-
beça, que lhe fez perder emfim o ultimo
alento. Mas estas dôres atrozes arranca-
vam ao pobre suppliciado gritos hor-
ríveis, que se ouviam a immensa dis-
tancia, que iam talvez regozijar o ani-
mo cruel de D. José, no seu palacio

d'Ajuda, mas que haviam de fazer em pallidecer o severo marquez de Pombal, que, por mais inflexivel que fosse, a sós com a sua consciencia, não podia deixar de reflectir no juizo da historia, e de descórar perante a responsabilidade tremenda que assumia. Effectivamente esses gritos lancinantes não rasgaram só o coração dos que os ouviam; não foram só horrorisar os marinheiros trepados nas vergas, nem foram repercutir-se unicamente de quebrada em quebrada nas encostas circumvisinhas, echoaram tambem na posteridade; esses gritos agudos e plangentes escutou-os attenta a historia, e juntaram para sempre a sua nota discordante ao côro de louvores com que Portugal applaudiu a benefica administração do grande ministro.

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, pag. 184 e 185.)

Vê-se que o snr. Pinheiro Chagas discorda com o coró de louvores com que Portugal applaudia os feitos do grande marquez; qual a razão porque s. ex.ª concorda com os festejos do centenário?

E que o marquez de Pombal foi um inimigo encarniçado dos padres, da Religião, da Igreja, e por isso, a maçonaria e o liberalismo, que odeia esta trindade santa, vae erguer uma estatua ao despota!

Felizmente, antes que ella se erga, levantar-se-ha no pincaro da serra de Santa Catharina, dominando todo o paiz, a estatua de Pio IX, do inimigo do despotismo, como um protesto dos catholicos portuguezes contra os hajuladores inconscientes dos Pombaes e Herculanos.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

Uma lição aos nossos liberaes:—Da republica Argentina escrevem á *Civilisation* de Madrid:

«O dr. Luiz Veter um de nossos mais eloquentes senadores, apresentou o seguinte projecto de lei:

«Art. 1.º—O poder executivo é autorisado a destinar a somma de 15:000 francos afim de conduzir de França individuos da congregação dos irmãos das *Escolas Christãs*.

«Art. 2.º—Estes professores serão enviados ás provincias que tiverem menos escholares.»

Depois da leitura do projecto disse o senador: «Quando os novos jacobinos de França decretaram a expulsão dos Jesuitas, o presidente Hayes poz os navios dos Estados-Unidos á disposição

das Ordens Religiosas que desejassem um asylo n'aquelle paiz livre. Não proporei que o Senado argentino faça o mesmo; mas peço que a Republica se assegure os melhores mestres do mundo. Não temos escholares dirigidas por homens tão capazes como estes proscriptos (1): são os educadores mais eminentes da juventude da França, da Inglaterra e dos Estados-Unidos.»

Depois leu um artigo da *New-York Tribune*, e o seu projecto foi logo tomado em consideração.»

Ouvern os republicueirinhos de cá?...

Voltaire, dedicando ao Pontifice Bento XIV o poema *Muhamet*, escreve a seguinte carta:

«Beatissimo Padre.

Vossa Santidade não levará a mal a audacia de um de seus mais infimos fieis, mas d'um dos maiores admiradores da sua virtude, o qual offerece ao Chefe da verdadeira religião (notae a confissão do impio) esta obra dirigida contra o fundador de uma seita falsa e barbara. A quem poderia eu dedicar com mais razão a satyra da crueldade e dos erros de um falso propheta do que ao Vigario e imitador d'um Deus de verdade e de misericordia?

Permitta-me, pois, Vossa Santidade que ponha a vossos pés o meu livrosinho e seu auctor, e peça humildemente a vossa protecção para um e a benção para outro.

Entretanto, prostro-me muito profundamente e beijo vossos pés sagrados.»

Os impios são capazes de tudo.

Os cemiterios catholicos:—De New-York escrevem ao *Monda*, que o tribunal chamado *General Term*, por sentença de 14 de maio, decidiu que os cadaveres dos protestantes não possam ser sepultados n'um cemiterio catholico, sendo as leis da Igreja catholica que devem regular n'esta materia, prohibindo ao mesmo tempo a erecção de tumulos em logar sagrado a pessoas contrarias ás leis geraes americanas.

«Intolerancia no caso! dirão os nossos homunculoes da... *liberdade*», acrescenta a *Esperança*.

Tentou ha dias suicidar-se em Lisboa um jornalista liberal cujo nome occultamos.

(1) Ainda que pertencentes a uma Congregação auctorizada, estão sendo expulsos todos os dias das escholares officinaes.

Fructo de certas ideas!...

A proposito:—Em uma *Memoria* do dr. Herch, director do hospital de alienados em Linffort, na Inglaterra, lê-se que o numero de suicidios tem augmentado, no ultimo quinquenio, 65 por cento no reino-unido e na Allemanha, 80 por cento em França.

Eis, em breve resumo, a estatistica fornada pelo sabio medico alienista Linffort. Saxonia 300 suicidios por cada milhão de habitantes (de 1874—76), Wurtember 180 suicidios; Baden 151; Prussia 133; Baviera 198; Dinamarca 280; França 290; Austria 120; Italia 180; Inglaterra 174.

Observa-se que os paizes protestantes são os que representam maior somma; se em França, por exemplo, onde a grande massa da povoação é catholica, se chega a contar 290 suicidios por cada milhão de habitantes, na Saxonia e Dinamarca, nações protestantes muito mais pequenas que aquella, o numero de suicidios está representado pelas espantosas cifras de 300 e 280.

O numero dos suicidios cresce na proporção da descrença, ou... da má crença.

UM VIMARANENSE.

Secção Literaria

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO V

Um sacerdote dos christãos

(Continuado do n.º anterior)

—Sou pobre, é verdade; mas não dizem os philosophos que o sabio deve contentar-se com pouco?

Cada vez mais admirado, lhe respondeu Victor sorrindo:

—E serás tu um d'esses philosophos, que tão bem conheces, segundo parece, e entregar-te-has assim a esta vida solitaria para praticar suas austeras e sabias maximas?

—Não: minha philosophia é muito diversa da dos illustres sabios de Athenas e Roma; bebe n'outras fontes e visa a outros conhecimentos.

Victor calou-se um instante. Sentiu-se dominado por este homem.

—Apezar d'isso, continuou dizendo, eu teria summo prazer em provar-te, que aquella a quem hoje deste gasalhado não é um ingrato.

E tornou-se a calar. Havia-lhe passado rapido pela mente este pensa-

mento triste: Este christão, quem sabe! pode chegar um dia a ser descoberto e denunciado e condemnado á morte: não terei eu obrigação de protegê-lo?

—Attende, ancião, disse conchegando-se e expressando-se de modo que ninguém pudesse ouvir-o; virá um dia talvez em que possa ajudar-te e proteger-te. Recorda-te do nome de Victor Britanico e sabe que poderás sempre recorrer á sua protecção e confiar e valer-te do seu auxilio.

—Victor Britanico! disse o ancião recuando um passo e fitando o joven com mais attenção, como se quizesse encontrar n'elle os traços d'uma phisionomia já conhecida. Victor Britanico, o filho de Flavio Sabino! O meu filho!

E emmudeceu de repente, como quem receia ser indiscreto ou ter avançado muito. Imagine o leitor a impressão, que essas palavras causariam no animo de Victor, já d'antemão preocupado com as particularidades d'aquella mysteriosa entrevista. Desde logo comprehendeu que o ancião o conhecia, suspeitou até ser algum antigo amigo de seu pae e presagiu que elle era sabedor d'alguma cousa que elle proprio ignorava.

Todos os pensamentos que minutos antes o preocuparam, afluiram, e se agruparam de novo a sua mente, e não menos commovido que o ancião, lhe disse a meia voz:

—Pois quê! Conhecias-me?

—Ainda eras muito creança quando te conheci e tive a dita de fazer-te... bem. Pouco depois da morte de teu pae, Publio Lucio levou-te, porque ficou teu tutôr, para sua casa, e desde então é esta a primeira vez que te vejo. Estás completamente mudado, Victor; fitando-te, porém, attentamente ainda se encontram e se revelam na tua phisionomia os mesmos traços do teu bom e nobre pae.

O joven romano, completamente commovido por estas palavras, sentiu marejarem-se-lhe os olhos de lagrimas.

E não julgando prudente, em semelhante occasião, prolongar a conversação diante dos escravos, disse:

—Não me retiro d'aquí sem saber como te chamas, ó veneravel ancião, visto haveres-me conhecido desde a minha meninice, teres conhecido meu pae, e até mesmo por ter tido a ventura de encontrar-te hoje não sei porque mysteriosas circumstancias.

—Chamo-me Clemente.

—Pois bem, Clemente; eu não sei que interesse ou influencia tomaste, nem quicá tomarás ainda a meu respeito; affianço-te, porém, que te respeito e te amo. Sabe, ó christão veneravel! (porque tu o és, estou certo d'isso), que se algum dia tiveres necessidade do credito e valimento do filho

do Sabino, podes dispôr de mim com franqueza.

—Mas como devassaste tu o meu segredo, nobre Victor?

—E' que durante a tempestade pude vêr, ao fulgor d'um relampago, um crucifixo, que tens occulto no interior da tua vivenda. Está, porém, tranquillo; eu nunca escarnei do signal da tua religião. Ao contrario, respeitei sempre os christãos, e posso affiançar-te que me sinto inclinado a amal-os.

—O meu filho! disse o ancião levantando os olhos ao céo; não o duvido, não o duvido. Se possuisses o segredo de Deus e conhecesses os mysterios da sua graça!... Mas tempo virá, em que se rasgue o véo, e teus olhos se abram á luz e teu coração á paz.

—Sim, tornaremos a vêr-nos, ancião veneravel. Mas como tua segurança exige muita prudencia, não te convido a que me acompanhes ao meu palacio. Roma enxamêa de delatores; entram até em nossas casas, sem que seja facil descobri-las; e se viessem comigo arriscavas-te a que te conhecessem. Conto no numero das minhas escravas uma joven christã, que poderá servir-nos de intermediaria. Sua discreção e seu estado permittem que nos correspondamos sem receio. Por seu intermedio poderemos escrever, quando não nos for possível ver-nos. Adeos, que se faz tarde... até breve.

Victor sahiu da vivenda, e os escravos, que obedecendo a um seu olhar se haviam retirado no meio da conversação, esperavam-no, limpando a liteira e reparando-a dos damnos, que a trovoadalhe havia causado.

Antes, porém, que se pozesse a caminho dirigiu ao ancião, que se conservava de pé no umbral da porta, o ultimo adeos n'estes termos:

—Até á vista.

Clemente disse-lhe tambem adeos com a mão, fechou depois a porta e pros-trando-se aute a cruz que Victor tinha visto:

—«O Senhor! exclamou, escuta as preces do teu indigno servo... Quantos annos ha já, ó meu Jesus! que estou dedicado ao teu serviço, e de quantos beneficios durante elles, me has já cumulado! Resta-me, porém, agora obter mais uma graça da tua inexgotavel misericordia!

«Não permittas, que eu morra, Senhor, sem que o filho do martyr Sabino, que te pertence já pelo Baptismo, seja tambem teu pela profissão da fé! «Para que lancei eu a agua santa sobre a sua cabeça, se não tivesse de chegar um dia, em que o visse entre teus fieis servos e adoradores? Senhor, Senhor, Deus de Abrahão e de Jacob, Deus dos christãos, Pae amorosissimo, fazei voltar ao redil esta vossa ovelha, des-

garrada no meio das trevas da idolatria!

«Attendei ás minhas preces, ó meu Deus! Que ellas se unam ás do martyr seu pae, para que mereçam ser ouvidas! Morrerei contente, morrerei na verdade feliz, se Te dignares acceitar minha vida, para que meu querido Victor seja restituído a nós os christãos e a Ti, Senhor, que o remiste com o Teu preciosissimo sangue.

«E se minhas preces não bastarem para obrigar-te, de certo não resistirás ás de teus filhos, que vão reunir-se nas catacumbas. Eu lhes fallarei de Victor e todos junctos faremos chegar até Teu throno os clamores da fé e da esperanza.»

Terminada esta oração, o ancião levantou-se, tocou n'uma mola secreta, e immediatamente se abriu uma porta, que encobria uma especie de miua. Era uma das entradas para as catacumbas, e o sacerdote internou-se por ella para ir presidir á oração dos christãos.

(Continúa.)

Retrospecto da quinzena

Em meio do estrondear das salvas festivas, e do entusiastico delirio que reinava na capital da monarchia hespanhola fez-se ouvir um grito, que ame-drontou, que fez tremer a Europa inteira, que eclipsou o brilho, todas as alegrias, todo o enthusiasmo com que um povo, na ebriedade de seu patriotismo, relembra a memoria de Calderon de la Barca. E esse grito, soldado dos labios de um joven professor da universidade de Madrid, revoou sob as abobadas de *la Fonda rustica del Retiro*, eccoou cá fóra, e levado nas azas da brisa foi escutado em todos os angulos da Hespanha, e, transpondo a fronteira, ouviu-se, ainda que um pouco desfigurado, n'este jardim de Portugal!

E para logo as fogueiras inquisitoriaes se atearam; as forcas ergueram-se sinistras em meio das praças, e, pendentes d'ellas, balouçavam á mercê do vento, os cadaveres ha pouco afogados pela corda patibular. A *liberdade* fugia espantada da peninsula iberica, os mosteiros de Alcobaca e Batalha eram cheios de novo de frades; os bilhares e quartéis militares da rua da Sophia em Coimbra, outr'ora egrejas e conventos, eram de novo restituídos ao fanatismo do beaterio e á ociosidade da fradaldade; os capitaes mores, com os queixos encalhados nas altas goltas brancas das suas fardas agaloadas, tornavam a pezar dos christãos, Pae amorosissimo, fazei voltar ao redil esta vossa ovelha, des-

ignorancia que o sol radiante da *liberdade* mindelleira esparcara desapiedada ha quarenta annos.

O snr. Menendez Pelayo, no meio do atheismo professional das diversas nações teve a *loucura*, a *pedantesca* ou sardia de brindar pela *fé catholica* e foi isto o bastante para que os jornaes *liberaes* peninsulares traduzissem aquellas palavras como brindes á inquisição, á união de Portugal com a Hespanha e a tudo quanto ha de mau n'este mundo de Christo.

E o caso não era para menos!

O snr. Martins de Carvalho, redactor do *Comimbricense*, ao concluir a transcripção da noticia que lhe forneceram um collega seu, exclamára, com aquella ingenuidade, tão propria das almas *candulas*, creadas á sombra da maior das tolerancias, e imparcialidades:

«Veja-se como no seculo xix um professor defende publicamente a *santa inquisição!*

E se os reaccionarios não restabelecem este horroroso e sanguinario tribunal em Portugal e Hespanha, não é por falta de vontade—é porque não podem.»

E verdade! E mais teem agora do seu lado os apologistas do marquez de Pombal, que outra cousa não são mais que amigos da inquisição; mas nem assim podem restabelecer o *horroroso e sanguinario* tribunal, tanto do agrado do dito marquez!

E porque será? Porque o *Comimbricense* e os de mais *liberaes* estão de atalaya, e ao mais pequeno movimento da reacção tocam a rebate, o snr. dr. Alexandre Braga sóbe á tribuna e niuguem vê mais a reacção.

Mas para que se conheça bem a desfaçatez com que o jornalismo *liberal* mente, e deturpa todas as noticias que lhe não agradam, aqui damos a traducção fiel do brinde levantado pelo snr. Menendez Pelayo em meio do banquete dado aos professores de todas as nações reunidos em Madrid.

Eil-o:

«Não tinha tenção de tomar a palavra, mas as allusões que me têm sido feitas obrigam-me a fallar. Brindo pelo que se não brindou ainda: pelas grandes ideias que foram a alma e a inspiração dos poemas calderonicos. Em primeiro lugar, pela fé catholica, apostolica, romana, que em sete seculos de lucta nos fez reconquistar o solo da patria, e que nos começou da Renascença; abriu aos castelhanos as florestas virgens da America, e aos portuguezes os sanctuarios fabulosos da India. Brindo pela fé catholica que é o *abstractum*, a essencia, o que ha de mais elevado,

de mais bello na nossa theologia, na nossa philosophia, na nossa litteratura e na nossa arte.

«Em segundo lugar brindo pela antiga e tradicional monarchia hespanhola, christã na essencia e democratica na forma, que no seculo xvi viveu d'um modo austero e cenobitico. Brindo pela casa d'Austria que, posto de origem estrangeira e com interesses e tendencias oppostas ás nossas, se tornou o porta-bandeira da Igreja e protectora da Santa Sé.

«Brindo pela nação hespanhola, amazona da raça latina, de que foi o escudo e o baluarte contra a barbarie germanica e contra o espirito de divisão e da heresia que separou de nós as raças septentrionaes.

«Brindo pela municipalidade hespanhola, filha gloriosa da municipalidade romana e expressão da verdadeira, legitima e santa liberdade hespanhola, que Calderon elevou até ás alturas da arte no *Alcade de Zalamea*, e que Alexandre Herculano immortalisou na historia.

«N'uma palavra, brindo por todas as ideias, por todos os sentimentos que Calderon traduziu na arte, sentimentos e ideias que nós partilhámos, que accetamos como a expressão das nossas, e com as quaes nos orgulhamos, nós que sentimos e pensamos como elle, e que somos os unicos, que com razão podemos honrar a memoria do poeta hespanhol e catholico por excellencia: do poeta de todas as intolerancias e intransigencias catholicas: do poeta theologo, do poeta *inquisitorial*, que nós applaudimos, honramos e bendizemos, e que sem injustiça não poderiamos abandonar aos partidos mais ou menos liberaes que, em nome d'uma unidade centralista á franceza destruíram a antiga unidade municipal e *foral* da Peninsula, primeiro pela casa de Bourbon e ao depois pelos governos revolucionarios d'este seculo.

«Digo e declaro com toda a firmeza que me é propria, que não adhiro ao centenario no que esta festa tem de pagão, por isso que ella foi inspirada por principios que eu detesto e que não poderiam ser do agrado de Calderon, se o grande poeta surgisse agora no meio de nós.

«E já que me levantei, e porque não é este lugar, todo de fraternidade, para rancores e divisões estranhas, brindo pelos cathedraes lusitanos que com sua presença vieram honrar esta festa, e que vejo e a quem todos devemos ver como irmãos, porque fallam uma lingua irmã á nossa, porque pertencem á raça hespanhola, e não digo iberica, porque estes vocabulos de iberismo e união iberica tem não sei que mau sabor progressista (murmurios). Sim, hespanhola, repito-o, porque hespanhoes

lhe chamou sempre Camões, e ainda em

nosso dias Almeida Garrett, nas notas do seu poema Camões affirmou que hespanhoes somos, e de o ser nos devemos orgulhar todos que habitamos a Peninsula Iberica.

«E brindo, finalmente, por todos os cathedraes aqui presentes, representantes das diversas nações latinas, que, qual arroyo, vieram mesclar-se no grande oceano da gente romana.»

Agora ousamos peilir ao snr. Martins de Carvalho, do *Comimbricense*, em que ponto do seu discurso disse o notavel orador que brindava pela inquisição e que queria a união iberica?

Se nos responder é favor e grande.

Morreu Emilio Littré o chefe do positivismo de áquem e além dos Pyreneus. A ultima hora viu claramente e condemnou as idéas que havia professado durante a vida, recebendo o baptismo, que não havia recebido nunca, entrando assim no gremio da Igreja Catholica, no seio da qual morreu, descansando seus restos mortaes á sombra da Cruz.

Littré era casado e tinha uma filha. Esta e a mãe eram catholicas e de uma piedade tão grande, quão grandes eram os desvarios do marido e do pae. Pôde dizer-se que este triumpho que o Catholicismo acaba de alcançar sobre os seus inimigos foi operado, mediante a graça divina, por esses dois entes que não deixavam de orar e de pedir a Deus a conversão de quem tanto estremeciam.

E o milagre fez-se! Louvemos, pois, a Deus, e demos os nossos sentidos peccames ao snr. Theophilo Braga e a todos os da geringonça positivista por perderem o *pae* que, ao morrer, lhes ensinou o caminho a seguir, dando-lhe carta de parvos se o não fizerem.

Não foi á ultima hora que Littré se converteu. Dias antes, quando a esposa lhe lançou ao pescoço uma imagem da Virgem elle agradeceu-lhe com boijos um tal serviço. E quando o padre, que durante mezes o visitava, entrou para lhe administrar as aguas do baptismo, rezavam ajoelhadas aos pés do leito, com a mãe e a filha, duas irmãs da caridade.

Littré foi enterrado como os bons catholicos, bem contra vontade dos Theophilos de lá que foram asneiar para a borda do tumulo, apesar dos esforços e determinação do linado que não queria discursos. Elle bem conhecia a tonteria dos que haviam sido seus discipulos e por isso os queria longe da sepultura.

Que farão agora os positiveiros? E o que não sabemos. Em todo o caso rezemos pela alma de Littré e continue-

mos a rir dos que cá ficam em quanto não chega a hora de abjurarem seus erros.

Foi bem recebida a noticia que deramos n'esta revista de se ir erguer na serra de Santa Catharina um monumento a Pio IX, ao grande Pontífice do *Syllabus*. De todos os angulos do paiz temos recebido cartas de adhesão a tão catholico pensamento e podemos dizer aos leitores que, mefez de Deus, se realisarã tão arrojado pensamento.

Os jornaes catholicos do paiz applaudiram a idéa e d'entre elles diz o seguinte o *Commercio do Minho*:

«*Monumento em Guimarães, a Pio IX, o Grande.*—Foi com a maior satisfação e contentamento, que lêmos em o numero ultimo do «*Progresso Catholico*», de Guimarães, a fausta noticia de que se tenciona elevar na serra de Santa Catharina, proximo áquella cidade, e em frente do monte Sameiro, um monumento a Pio IX o Grande, o Pontífice da Immaculada, o primeiro vulto do século XIX.

Como catholicos, exultamos d'alegria por ser assim perpetuada a memoria do grande Pontífice; e como portuguezes, e mais ainda como bracarenses, nos felicitamos por ver exaltado quanto o merecia o Amigo e o Paé.

D'aquí enviamos aos nossos caros irmãos de Guimarães, os nossos cordeaes, emboras e os nossos sinceros agradecimentos; mas do ceo receberão elles mais do que isso: as bençãos da SS. Virgem e do Pontífice da Immaculada.»

Felizmente tambem ha quem não goste, e isto é a prova mais clara de que é boa a idéa. Deos nos livre de tentar uma cousa que seja do agrado da *Voz do Povo*, (do Porto, ou do Funchal,) porque n'este caso não seria digna de associarmos a ella gente de bom senso e honradez.

Felizmente, repetimos, tambem ha quem não goste, e d'esses é a *Voz do Povo*, do Porto, que diz o seguinte:

«*Monumento a Pio IX.*—Segundo communicam de Guimarães, projecta-se erigir na serra de Santa Catharina, proximo áquella cidade, e em frente do monte Sameiro, um monumento a Pio IX.

A caridade dos portuguezes vai certamente ser chamada a contribuir com a sua quota para a glorificação em granito ou em marmore de Carrara de um homem estrangeiro, que apenas conhecemos pelas suas pretensões á infallibilidade dos deuses.

Seja, que de tudo é capaz a predicaçao lamuriante e chorosa dos torpheus do Vaticano.

Mas enquanto a Santa Sé se regosija em santa beatificação pela piedade parvoa dos papalvos cá do paiz, a caridade, que não póde precisamente ser o sentimento servil e utilitario das suas ambições, hade protestar pelo facto, em nome de tantissimos desgraçados que por ali morrem á mingua, ignorados da padraria fanatica e dos beatos.»

Então Pio IX era estrangeiro? Forte parvalhão é o tal *Voz do Povo*! Pio IX para ser estrangeiro entre os catholicos parece de ser mahometano, judeu, pedreiro livre, liberal, etc., etc., etc. Ora Pio IX era catholico puro; como podia ser estrangeiro entre os catholicos? Não

sabe o *sabio* rabiscador que na Igreja não ha arraias diferentes, não ha cores de bandeiras, não ha fronteiras entre uma ou outra nação? Não sabe que todas as nações catholicas são uma só nação espiritual, presidida pelo Papa?

Estes sabios desde que desprezaram a cartilha do Abade de Salamonde são d'um pedantismo atroz. Vamos fazer uma edição da dita cartilha, em formato grande, papel superior, illustrada com gravuras de Gustavo Doré a vêr se pelo luxo a fazemos cabir nas mãos d'estes senhores para que não digam tolices.

E depois falla-nos em *desgraçados* que morrem á *mingua*, etc. Pois n'este paiz ainda ha miseria? Julgavamos que a miseria havia desaparecido desde que deixaram de existir os conventos, ás portas dos quaes se dava de comer á mandriice que se curvava ante a fradalhada! Então o dinheiro, os bens com que se faziam as grandes barrigas fradescas, com que se sustentava a *ociosidade* d'esses homens *inuteis* não foram applicados em acudir á miseria dos desgraçados?

Então ainda *morre á mingua* alguém, quando acabou a *ociosidade* dos conventos! Que fizestes vós então, que vistes em nome da liberdade destruir tudo, que não creaste uma instituição igual á dos frades, para dar de comer aos famintos?

Pobre gente! Já lhe faz sombra uma estatua ainda em projecto! Que fará quando ella se erguer imponente desafiando todas as suas iras!

Falleceu no dia 10 do corrente ás 3 horas e 40 minutos da manhã Mgr. Ségur. A sua agonia foi longa e penosa, mas tornaram-na radiante as virtudes e santidade do piedoso prelado, cujos ul-

timos momentos foram dignos da sua vida tão cheia d'edificação e tão rica de boas obras. Na vespera e nos dias precedentes, bem que lacerado pelo soffrimento, recebera ainda sua familia, os seus amigos, os seus penitentes e prodigios, animando-os a todos, abençoando-os affectuosamente e dirigindo-lhes as despedidas com uma força d'alma, com uma resignação tão risonha, que assombrava e fazia verter copiosas lagrimas a todos os presentes. A agonia apoderou-se d'elle na tarde do dia 9 e foi penosissima. Pelas 4 horas da manhã do dia 10 estava plenamente tranquillo; a respiração era doce e lenta, enfraquecendo-se insensivelmente e foi n'esta paz serena que o venerando prelado deu a alma a Deus. Mgr. de Ségur era o filho mais velho dos oito filhos do conde de Ségur, bisneto do chancelier d'Aguesseau, do presidente de Samognon e do marquez de Ségur, marechal de França e ministro da guerra no tempo de Luiz XVI e de Sophia Rostopelina, filha do celebre general, primeiro ministro de Paulo I, que presidiu ao incendio de Moscou.

Com a morte do sabio prelado perdeu a Igreja um dos seus mais denodados filhos.

Ajoelhemos e oremos por sua alma.

Não nos é permittido calar uma noticia alegre, consoladora e que fará saltar de jubilo os corações verdadeiramente catholicos.

No dia 10 do proximo mez de Julho celebrar-se-ha a benção da nova Igreja parochial da freguezia de Santa Eulalia de Nespereira, arrabaldes d'esta cidade. Consta-nos ser officiante o muito digno Arcipreste d'este districto ecclesiastico, effectuando-se a cerimonia com o maximo esplendor, para o que não têm poucado esforços alguns dos mais conhecidos moradores da freguezia.

Parabens ao Reverendo Reitor de Nespereira, que se não tem furtado a vigílias e trabalhos para levar a cabo a construcção d'um templo, que qualquer das nossas mais importantes povoações invejaria.

E digam por ali *alguns senhores* que o catholicismo está por um fio!...

Iremos n'esse dia a Nespereira dar os parabens ao nosso amigo o Reverendo Reitor, mas se não formos desde já lh'os damos da testada do *Progresso Catholico*.

Encontramos na *Ordem* uma noticia que nos alegrou sobremodo e que ha-de alegrar todos aquelles que d'ella houverem conhecimento, e muito principalmente ao clero bracarense.

Eis a noticia que não podemos guardar:

«Foi definitivamente resolvida no dia 15 do corrente a ida do intelligente e virtuoso *quintanista* de Theologia padre Alfredo Elviro dos Santos para Secretario do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.^{mo} Arcebispo de Braga.

Joven eminentemente sympathico, academico laborioso e de muito merecimento, padre exemplarissimo e que em nada contemporisou jámais com as exigencias nefastas d'esta Luza Babyloonia, o rev.^o sr. P.^o Elviro reúne todos os predicados que em seu conjuncto sobejamente servem de constituir a melhor e inexcedivel garantia para que um Principe da Igreja, digno d'este nome, intimamente compenetrado de sua altissima missão, n'elle deposite uma confiança plena e illimitada. Será um Secretario como todos os bispos verdadeiramente apostolicos anhelam possuir e que por isso agrada plenamente ao venerando Prelado que o chama a si.

Louvores sinceros a quem realiso esta escolha e cordeaes parabens aos catholicos bracarense que vão receber em seu seio um novo apostolo.»

Conhecido é já dos leitores do *Progresso Catholico* o nome do padre Alfredo Elviro dos Santos, porque varias vezes o tem visto firmando magnificos artigos.

O clero bracarense vac receber em seu seio um digno amigo, um excellente collega, um verdadeiro ministro do Senhor.

Parabens a elle e a nós.

Agradecendo aos jornaes que se dignaram transcrever a *Representação contra os jesuitas*, publicada no n.º 14 do *Progresso Catholico*, pedimos a todos o favor, de quando transcreverem qualquer artigo nosso, o façam sempre dizendo:—transcripto do *Progresso Catholico*, de Guimarães. E' favor este que a redacção desde já agradece.

Falta-nos o espaço, e por isso pomos ponto.

J. DE FREITAS.

Situação para rir

UMA SITUAÇÃO CRITICA

«Diga-me Usted; hai algum tunnel a passar desde accá até Puerto?» perguntava a um empregado de estação ferroviaria um hespanhol que se dirigia dos lados da Regoa á cidade do Porto, a fim de abraçar um parente seu que alli acabava de chegar. O patricio de Calderon (deixem passar, em attenção ao contenario) partira de caza com tanta precipitação, para não chegar tarde ao comboy, que nem tempo tivera para mudar a camisa que estava horrivelmente suja, como se houvesse enxugado todos os suores de um anno bissexto.

«Ha uns poucos de tuneis, respondeu-lhe o empregado, em lugar d'um.»

«E qual es el mas grande,» tornou-lhe o hespanhol, «puede Usted decir-me?»

«E' o do Encambalados.»

«Gracias a Usted.»

E o hespanhol foi carregando com a sua pessoa e com um sacco para o comboy, havendo proviamente comprado um bilhete de 2.^a classe. Installado guapamente a um dos angulos da caruagem, hia mascando consigo mais de vinte vezes a palavra — *Encambalados* — para lhe não esquecer.

O plano do homem era aproveitar a occasião em que o comboy atravessasse o dicto tunnel, para vestir uma camisa lavada. Para este fim collocou o sacco de viagem ao pé de si e pediu a um dos viajantes que tivesse a bondade de o avisar, logo que houvessem de atravessar o referido tunnel. D'alli a alguns instantes, o viajante voltou-se para o mysterioso estrangeiro e disse-lhe: «entramos no Encambalados.»

Immediatamente o ratão do hespanhol sacca as chaves do bolso, abre o sacco de viagem, tira uma camisa, despe o casaco, o collete e a camisa suja, desdobra a lavada e colloca-a sobre os joelhos para a vestir. Estas operações de toilette não correram tão rapidas como elle esperava, porque lhe custou a acertar com a chave propria da malla e a desabotoar o maldito botão do collarinho, que era maior que a casa.

O homem suava e tressuava.

No momento preciso em que enfiava a camisa, o comboy sahia do tunnel, a grande luz solar entrava franca e indiscretamente pelas vidraças do carro, e o hespanhol, ó *disgracia!* ó *barbaridad!* com a cabeça sumida nos entreseios d'aquella vara e meia de algodão, debatia-se atrapalhado em busca dos

buracos por onde introduzisse a caveira e as mãos.

O carro abarrotava de passageiros. O leitor imagina facilmente a gargalhada estridente que rompeu da bocca de todos em presença da situação critica do hespanhol; o que não imagina é a raiva com que elle mandava ao diabo os tunneis e... os toilettes.

*

OUTRA ENTALAZÃO

Na Prussiana rhenana deu-se, não ha muito, um facto não menos grotesco. Certo typo, ao dirigir-se a uma estação de caminho de ferro para tomar o comboy, atolou-se n'um lanceiro e ficou com as calças n'um estado deploravel. Ao entrar, pois, para o comboy, escolheu um compartimento onde não estivesse ninguem, para enxugar as calças á sua vontade, porque da estação d'onde partia até á primeira que se lhe seguia havia um longo intervallo.

Mal o comboy largou, o bravo allemão despio as sobredictas e pol-as a seccar ao sol. A lama, porem, apegara-se ao tocido do panno e formara crosta. Por tanto, para melhor a fazer sair, chegou-se á vidraça do carro e sacudio fortemente as calças. Por cumulo de desventura, não lhes segurou tão bem como devia e as calças escaparam-se-lhe das mãos, sendo arrojadas pelo vento a grande distancia! Ah! cães de Carnide! Que fazer em taes apuros? Não levava nenhum sacco ou mala consigo! Invoçou a resignação em seu auxilio e aguardou a chegada do trem á primeira estação. Logo que esta se effectuou, começaram os viajantes a abrir a portinhola do carro onde vinha o homem sem calças. Qual não foi o pasmo d'elles quando de repente dão com os olhos n'esto typo impagavel, de chapéu de copa alta, sobrecasaca e coroulas! Muitos chegaram a chorar... de riso; mas o allemão-philosopho poz-lhes em pratos limpos o fracasso e rio tanto de si mesmo, que tirou a todos os passageiros a vontade de chalaccarem á custa d'elle. Sahio-se bem da situação critica.

S. F.

IMPRESA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS